

Índice

1. No Mar	9
2. A Casa na Selva	19
3. Vida e Morte	29
4. Os Macacos	36
5. O Macaco Branco	43
6. Lutas na Selva	51
7. A Luz do Entendimento	58
8. O Caçador nas Altas Ramadas	69
9. Homem e Homem	75
10. O Fantasma do Medo	85
11. «Rei dos Macacos»	90
12. A Razão do Homem	99
13. A Sua Própria Espécie	107
14. À mercê da Selva	120
15. O Deus da Floresta	129
16. «Muito Notável»	135
17. Funerais	144
18. O Tributo da Selva	154
19. O Apelo do Primitivo	165
20. Hereditariedade	175
21. A Aldeia da Tortura	186
22. A Busca	193

23. Irmãos Homens	203
24. O Tesouro Perdido	212
25. Posto Avançado da Civilização	220
26. Civilização	231
27. Novamente o Gigante	241
28. Conclusão	254
 Vocabulário	 265

CAPÍTULO 1

No Mar

Conheci esta história através de alguém que não tinha qualquer interesse em contar-ma, ou em contá-la a quem quer que fosse. Devo-a, talvez, à influência exercida, sobre o narrador, por um excelente vinho velho. Pelo menos quanto ao princípio. E, durante os dias que se seguiram até à conclusão da estranha narrativa, influiu seguramente a minha própria incredulidade.

Quando o meu jovial anfitrião descobriu que já me tinha contado tanta coisa e que eu estava inclinado a duvidar, o seu tolo orgulho retomou a tarefa que o vinho generoso principiara, e foi assim que me mostrou provas, sob a forma de um velho manuscrito e de antigos registos do Departamento Colonial Inglês, para apoiar muitos dos mais relevantes aspetos da sua notável narração.

Não digo que a história seja verdadeira, porque não testemunhei os acontecimentos a que ela se refere, mas o facto de, ao contá-la, eu atribuir nomes fictícios aos principais protagonistas demonstra suficientemente a sinceridade da minha própria convicção de que *pode* ser verdadeira.

As velhas páginas amarelecidas do diário de um homem que morreu há longos anos, e os registos do Departamento Colonial, concordam perfeitamente com a narrativa do meu jovial hospedeiro. Assim, eu reproduzo a história tal como laboriosamente a reconstituí utilizando essas diversas fontes.

Se o leitor não a achar crível, pelo menos concordará comigo em considerar que é única, notável e interessante.

Pelos registos do Departamento Colonial, como pelo diário do homem que morreu, ficamos a saber que um jovem nobre inglês, a quem chamaremos John Clayton, Lord Greystoke, foi encarregado de levar a cabo uma investigação especialmente delicada sobre as condições de vida numa colónia inglesa, na costa ocidental de África, entre cujos indígenas, criaturas simples, uma outra potência europeia, segundo se sabia, estava a recrutar soldados para o seu exército de nativos — exército que utilizava exclusivamente para fazer a recolha forçada da borracha e do marfim, nas tribos selvagens ao longo do Congo e do Aruwimi.

Os indígenas da colónia inglesa queixavam-se de que muitos dos seus jovens eram aliciados por meio de promessas tentadoras, mas que poucos deles regressavam para junto das suas famílias.

Os ingleses de África iam ainda mais longe, dizendo que esses pobres negros eram mantidos praticamente em escravidão, visto que, quando terminava o tempo do seu alistamento, os oficiais brancos, explorando a ignorância deles, lhes diziam que tinham ainda de servir durante vários anos.

Assim, o Departamento Colonial nomeou John Clayton para um novo posto na África Ocidental Inglesa, mas as instruções confidenciais incidiam sobre uma investigação completa quanto ao injusto tratamento de súbditos ingleses, negros, pelos oficiais brancos de uma potência europeia e amiga. As razões pelas quais ele foi enviado, todavia, são de escasso interesse para esta história, porque não chegou a fazer qualquer investigação nem, de facto, chegou sequer ao seu destino.

Clayton era o tipo de inglês que gostamos de associar aos mais nobres monumentos de históricas proezas sobre centenas de campos de batalha — um homem forte e viril, tanto mentalmente como moral e fisicamente.

Tinha uma estatura acima da média, olhos cinzentos, feições cor-retas e firmes, um porte altivo que indicava uma saúde perfeita e anos de treino militar. Ambições políticas tinham-no levado a pedir a transferência do exército para o Departamento Colonial, e assim va-

mos encontrá-lo, ainda novo, encarregado de uma delicada e importante missão ao serviço da Rainha.

Quando recebeu a sua nomeação, ficou ao mesmo tempo contente e perplexo. A preferência parecia-lhe ter o aspeto de uma bem merecida recompensa por laboriosos e inteligentes serviços, um patamar para postos de maior importância e responsabilidade. Mas, por outro lado, tinha casado três meses antes com Miss Alice Rutherford, e era a ideia de levar a sua jovem mulher para o isolamento e os perigos da África tropical que o deixava perplexo.

Por amor dela teria recusado a nomeação, mas Alice não o consentiu, insistindo, pelo contrário, em que aceitasse e a levasse consigo.

Mãe e irmãos, irmãs, tias e primos manifestaram várias opiniões sobre o assunto, mas a história não conta quais os conselhos que deram. Sabemos apenas que, numa luminosa manhã de maio de 1888, John, Lord Greystoke, e Lady Alice embarcaram em Dover a caminho de África.

Um mês depois chegaram a Freetown, onde fretaram um pequeno veleiro, o *Fuwalda*, que devia levá-los ao seu destino final.

E, nesse ponto, John, Lord Greystoke, e Lady Alice, sua mulher, desapareceram dos olhos e do conhecimento dos homens.

Dois meses depois de o *Fuwalda* levantar ferro e partir do porto de Freetown, meia dúzia de navios de guerra, britânicos, percorreram o Atlântico Sul em busca deles ou do pequeno veleiro, e não tardou que os destroços deste último fossem encontrados no litoral de Santa Helena. Isto convenceu o mundo de que o *Fuwalda* se perdera com corpos e bens, e desta maneira as buscas terminaram quando mal haviam principiado — embora a esperança persistisse, em corações saudosos, durante muitos anos.

O *Fuwalda*, um barco de cerca de cem toneladas, era do tipo das embarcações que se encontravam frequentemente em serviços costeiros no extremo Sul do Atlântico — com tripulações compostas por autêntica escória do mar, criminosos fugidos da força e rufiões de todas as raças e nações.

O *Fuwalda* não constituía exceção à regra. Os oficiais eram homens rudes, violentos, que odiavam os tripulantes e eram odiados por

eles. O capitão, conquanto fosse um marinheiro competente, era feroz na maneira de tratar os seus homens. Conhecia, ou usava, pelo menos, apenas dois argumentos para tratar com eles, o cacete ou o revólver, e é pouco provável que os tripulantes contratados por ele tivessem compreendido outros.

Aconteceu assim que, ao segundo dia depois da partida de Free-town, John Clayton e a sua jovem mulher assistiram a cenas, no convés do *Fuwalda*, que nunca haviam julgado possíveis fora das capas dos livros que contavam histórias do mar...

Foi na manhã do segundo dia que começou a ser forjado o primeiro elo do que viria a formar uma cadeia de acontecimentos dos quais resultaria, para alguém ainda não nascido, uma vida sem paralelo na história da humanidade.

Dois marinheiros estavam a lavar o convés do *Fuwalda*, o primeiro mestre encontrava-se de serviço, e o capitão detivera-se para falar com John Clayton e Lady Alice.

Os homens trabalhavam recuando na direção do pequeno grupo, que por sua vez estava de costas para eles. Foram-se aproximando até que um ficou diretamente atrás do capitão. Se esse homem tivesse passado, esta estranha narrativa nunca teria sido registada. Mas, nesse momento, o oficial voltou-se para se afastar de Lord e Lady Grey-stoke — e ao fazê-lo tropeçou no marinheiro e caiu ao comprido no convés, entornando o balde, de maneira que a água suja o encharcou.

Por um instante, a cena foi simplesmente ridícula... mas só por um instante. Com uma rajada de violentas pragas, a cara congestionada pela raiva e pela humilhação, o capitão levantou-se e, com um tremendo soco, derrubou o marinheiro. O homem era idoso e de pequena estatura, de forma que a brutalidade do gesto se tornou mais flagrante. O outro marinheiro, todavia, não era velho nem baixo — corpulento como um urso, com um bigode negro e façanhudo, forte pescoço de touro entre enormes ombros maciços.

Ao ver o companheiro cair, o homem curvou-se e, com um rugido surdo, lançou-se sobre o capitão e aplicou-lhe um soco violento que o fez cair de joelhos... De vermelho que estava, o capitão fez-se lívido — porque aquele gesto significava um motim a bordo. E, na sua

carreira de violências, o capitão já havia antes enfrentado e dominado motins. Sem mesmo se levantar, tirou o revólver do bolso e disparou-o à queima-roupa sobre a montanha de músculos que se erguia sobre ele. No entanto, embora o movimento fosse rápido, quase tão rápida foi a intervenção de Lord Greystoke. A bala, dirigida ao coração do marinheiro, acertou-lhe numa perna, porque John Clayton batera no braço do capitão assim que o vira puxar pela arma.

Houve uma troca de palavras entre Clayton e o capitão, em que o primeiro declarou claramente que lhe repugnava a brutalidade com que os tripulantes eram tratados e que não suportaria cenas de tal género enquanto ele e Lady Alice estivessem a bordo. O capitão esteve prestes a dar uma resposta irada, mas pensando melhor deu meia-volta e afastou-se, grunhindo entre dentes. Não se atrevia a hostilizar um oficial inglês, porque o poderoso braço da Rainha manobrava um instrumento de castigo que ele conhecia e temia — a Armada britânica.

Os dois marinheiros levantaram-se, o mais velho amparando o camarada ferido. Este, que era conhecido entre os seus companheiros por Black Michael, experimentou receosamente a perna e, verificando que ela aguentava o seu peso, voltou-se para Clayton com uma palavra de rude agradecimento.

Embora o tom fosse brusco, as palavras do homem tinham evidentemente uma boa intenção. Concluiu às pressas o breve discurso e afastou-se, a coxear, na direção da proa, na aparente intenção de fugir a um prolongamento da conversa.

Não voltaram a ver o homem durante vários dias, e por seu lado o capitão não lhes concedia mais do que monossílabos contrariados, quando era forçado a falar com eles. John Clayton e Lady Alice tomavam as suas refeições no camarote do capitão, como tinham feito desde o primeiro dia, mas este arranjava-se de maneira que os seus deveres o impedissem de comer ao mesmo tempo que eles.

Os outros oficiais eram homens rudes, iletrados, pouco acima, em posição social, dos tripulantes a quem maltratavam, e fugiam a qualquer contacto com o nobre inglês e a sua mulher. De modo que os Claytons se viram entregues a si mesmos, quase completamente. O facto, em si, estava em perfeito acordo com os seus desejos, mas